

# Criação, Evolução e Hermenêutica: Tendências Recentes no Adventismo

Jean Zukowski<sup>1</sup>

Luan Mól<sup>2</sup>

**Resumo:** Os adventistas do sétimo dia, desde os seus primórdios, se consideram como um movimento religioso que baseia suas crenças na Bíblia e defende a criação histórica em seis dias literais. Recentemente, propostas que confrontam essa crença têm surgido no meio adventista causando certa reflexão acerca de assuntos até então não discutidos. Entretanto, como esse debate envolve o antigo conflito entre teologia e ciência, é necessário reconhecer que geralmente as discussões se resumem a conflitos entre diferentes interpretações e percepções, sendo que pouca atenção é dada aos pressupostos filosóficos de cada modelo.

**Objetivo:** Identificar as pressuposições hermenêuticas mais abrangentes que influenciam as principais propostas acerca do debate entre criação e evolução no adventismo.

**Metodologia:** Através de um levantamento bibliográfico dos escritos de Desmond Ford, Fritz Guy e Roy Graf, este artigo destaca, sem exaurir o tema, os principais proponentes de três diferentes modelos, denominados respectivamente nesta pesquisa de: progressivo (Ford), moderno (Guy) e histórico (Graf).

**Resultados:** As diferenças doutrinárias dentro do adventismo são condicionadas por bases filosóficas (ontológicas) profundas, sendo que uma análise hermenêutica (e não meramente doutrinária) do debate entre criação e evolução revelam os diferentes paradigmas que atuam como chaves de interpretação para Ford, Guy e Graf, sendo que o último modelo parece se adequar mais com toda a informação fornecida pelas Escrituras e com o sistema filosófico adventista.

**Conclusão:** Realmente, diferentes bases filosóficas e pressupostos moldam a cosmovisão de tal forma que é possível perceber diferentes interpretações do texto bíblico mesmo dentro de um único movimento religioso. Isso se deve à influência de diferentes fontes de teologia além da Bíblia no processo. Também se percebe a necessidade de, em futuras pesquisas sobre as crenças adventistas e diferentes propostas, sempre reconhecer a necessidade de ir além do debate doutrinário e exegético, buscando perceber os diferentes paradigmas de cada intérprete e suas implicações na formulação teológica.

Editor Científico: **Eduardo Cavalcante Oliveira Santos**

Organização Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 10/02/2022

Aprovado: 27/04/2022

**Como citar:** ZUKOWSKI, J.; COTA MÓL, L. A. Criação, Evolução e Hermenêutica: Tendências Recentes no Adventismo. *Kerygma*, Engenheiro coelho (SP), v. 17, n. 1, p. e01564, 2022. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v17.n1.pe01564>

<sup>1</sup>Doutor em teologia pela Andrews University – A.U, Estados Unidos, Michigan. Professor de teologia na Faculdade Adventista da Amazônia- FAAMA, Pará, (Brasil). E-mail: [jean.carlos@faama.edu.br](mailto:jean.carlos@faama.edu.br) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-0658-6597>

<sup>2</sup> Bacharelado em teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, UNASP, (Brasil). campus Engenheiro Coelho. E-mail: [luan.mol@adventistas.org](mailto:luan.mol@adventistas.org)



# Creation, Evolution, and Hermeneutics: Recent Trends in Adventism

**Abstract:** Seventh-day Adventists, since their early days, have regarded themselves as a religious movement that bases its beliefs on the Bible and advocates for historical creation in six literal days. Recently, proposals that confront this belief have emerged in the Adventist milieu causing some reflection on issues hitherto undiscussed. However, as this debate involves the ancient conflict between theology and science, it is necessary to recognize that, generally, the discussions boil down to conflicts between different interpretations and perceptions, and little attention is paid to the philosophical presuppositions of each model.

**Goal:** To identify the broader hermeneutical presuppositions that influence the main proposals about the debate between creation and evolution in Adventism.

**Methodology:** Through a bibliographic survey of the writings of Desmond Ford, Fritz Guy and Roy Graf, this work highlights, without exhausting the theme, the main proponents of three different models, called respectively in this research progressive, modern (Guy) and historical (Graf).

**Results:** The doctrinal differences within Adventism are conditioned by deep philosophical (ontological) foundations, and a hermeneutic (and not merely doctrinal) analysis of the debate between creation and evolution reveals the different paradigms that act as keys of interpretation for Ford, Guy and Graf, and the latter model seems to fit more with all the information provided by the scriptures and with the Adventist philosophical system.

**Conclusion:** Indeed, different philosophical bases and assumptions shape the worldview in such a way that it is possible to perceive different interpretations of the biblical text even within a single religious movement. It is also perceived the need, in future research on Adventist beliefs and different proposals, to always recognize the need to go beyond the doctrinal and exegetical debate, seeking to perceive the different paradigms of each interpreter and their implications in the theological formulation.

## Introdução

Roy A. Anderson (1895-1985) (ANDERSON, 1970, *apud* TIMM, 2019, p. 276, 277), um conhecido pastor adventista, apresentou para seus alunos uma lista de itens que distinguem a Igreja Adventista do Sétimo Dia de outros movimentos religiosos. Dentre os trintas itens, ele cita a concepção de Deus e a crença na “criação em contraste com a evolução”. Desde seus primórdios, na década de 1840, a crença na criação literal e histórica como revelado no Gênesis é uma característica desse movimento. No século 19, também, surgia a teoria da evolução com sua nova proposta de interpretar as origens da



vida humana. Desde então, é possível observar diferentes formas que os cristãos buscaram para harmonizar a teoria da evolução com a Bíblia. A harmonização máxima, por exemplo, envolve a aceitação de toda a teoria evolutiva. Outros modelos de harmonização mais moderados aceitam em partes a teoria evolutiva e buscam harmonizar com a crença teísta e a narrativa do Gênesis.<sup>3</sup>

O conflito entre religião e ciência não é atual e interessa teólogos e cientistas desde os primeiros séculos da história cristã.<sup>4</sup> Canale (2014, p. 22) relaciona esse conflito com a compreensão que se tem a cerca de Deus, destacando:

Tanto a teologia moderna quanto as ciências empíricas concordam que a religião pertence a esse reino da atemporalidade, enquanto a ciência pertence ao reino do espaço e do tempo. Assim, por sua própria natureza, os métodos da teologia e da ciência empírica não entram em conflito porque a maioria dos cientistas e teólogos aceita que são reinos mutuamente exclusivos da realidade.

Tal conflito se tornou evidente quando, após o Iluminismo, os cientistas passaram a separar a realidade histórico-temporal da natureza dos assuntos religiosos, deixando Deus fora do sistema de conhecimento filosófico e científico. Nesse modelo, o conhecimento de Deus está relacionado com questões espirituais e religiosas, mas não históricas e científicas. Assim, estudar a história do mundo não seria equivalente a conhecer sobre Deus e seus atos, uma vez que Ele está fora do espaço-tempo.<sup>5</sup> Segundo Canale (2014, p. 22), “não devemos nos surpreender, então, quando os cientistas descartam a experiência religiosa do reino da ciência empírica, ou quando os teólogos não veem contradição entre a teoria da evolução e o cristianismo”. Isso é fruto da cosmologia dualista, que inclui a narrativa histórica da cosmologia evolutiva como uma explicação válida no reino temporal-espacial, ao mesmo tempo que mantém uma contraparte nas realidades espirituais e religiosas (CANALE, 2014, p. 22).

<sup>3</sup> Ver Pannenberg (1991, v.1, p. 410); Erickson (1998, p. 409).

<sup>4</sup> Agostinho (1955, p. 107) declarou: “Se, portanto, essa é a correta distinção entre sabedoria e conhecimento, que o conhecimento intelectual das coisas eternas pertence à sabedoria, mas o conhecimento racional das coisas temporais constitui-se em conhecimento, não é difícil julgar qual deve ser preferido e qual deve ser colocada em segundo lugar.” A separação entre as duas áreas de estudo remonta, então, aos primeiros séculos do cristianismo.

<sup>5</sup> Ver Canale (2014, p. 22-26, 83-91, 101-106).



A discussão entre teologia e ciência e seus métodos de interpretação da história e da Bíblia, que aparentemente seguem caminhos distintos, estão fundamentados em uma questão ontológica (a compreensão da realidade).<sup>6</sup> Nesse sentido, Kant (1939, p. 42, 52) expande a discussão ontológica incluindo dois aspectos presentes em qualquer estudo a respeito da realidade, a saber: tempo e espaço. Ele afirma que as noções de tempo e espaço são também “duas formas de conhecimento” que funcionam como pressupostos ou *a priori* do processo cognitivo humano. Portanto, qualquer ser humano, no estudo de qualquer assunto, em sua mente, ainda que implicitamente, busca encontrar sua relação com as pressuposições primordiais a respeito do ser: o tempo e espaço (CANALE, 1983, p. 74).

Ao estabelecer o conhecimento científico a partir de sua relação com o tempo e espaço, infere-se que a história do mundo está fora dos limites do conhecimento religioso. Assim, o conhecimento científico ocorre no reino material e histórico, enquanto o religioso geralmente é associado ao reino imaterial e fora da história humana. É possível perceber, nesse caso, que ontologia e epistemologia estão intimamente relacionadas,<sup>7</sup> pois “o modo como se compreende o princípio hermenêutico da realidade determina e forma como se entende o princípio do conhecimento” (CANALE, 2014, p. 88). Como Canale (2014, p. 21, 88) afirma, os cientistas possuem pressupostos ontológicos a respeito do ser e sua relação com o tempo e espaço que foram transmitidos pela tradição, sendo possível concluir que a formulação científica ocorre dentro de uma tradição ortodoxa.

O adventismo, por sua vez, não ficou imune a essa discussão. Recentes propostas quanto ao criacionismo e evolucionismo revelam pressuposições sobre a realidade (princípio ontológico), sua relação com o tempo e espaço e, conseqüentemente, a interpretação do texto bíblico (princípio epistemológico). Quanto às discussões no contexto da teologia adventista, Canale (2014, p. 78) afirma que elas existem devido a dois pontos de vistas diferentes acerca da fonte da teologia cristã: “Alguns sustentam a compreensão tradicional da *sola Scriptura*, ao passo que outros defende o conceito de *prima Scriptura*.” Diferentes visões nesse ponto podem criar teologias totalmente diferentes, inclusive nos estudos a respeito da realidade, origem e criação do universo.

---

<sup>6</sup> Ver Canale (1983, p. 34-37).

<sup>7</sup> Ver Graf (2020, p. 45-52).



Diante do conflito existente entre ciência e religião e sua influência na teologia Adventista, Roy Graf,<sup>8</sup> em sua tese doutoral *The Principle of Articulation in Adventist Theology*, após apresentar como pano de fundo a maneira como o princípio de articulação se desenvolve através da história, analisa três modelos de interpretação dentro do adventismo que ele denomina: modelo evangélico, modelo moderno e modelo da teodiceia. Finalmente ele propõe a construção de um modelo que seja fiel ao princípio *sola Scriptura* e ao sistema bíblico adventista de interpretação.

Considerando a existência de diferentes modelos de interpretação dentro do adventismo como apresentado por Graf, e a partir de seu trabalho, bem como publicações de outros autores adventistas, esta pesquisa busca analisar como diferentes fontes de teologia oferecem ontologias conflitantes e, conseqüentemente, diferentes interpretações do texto bíblico, tendo como foco principal questões cosmogônicas e teontológicas. Para o desenvolvimento do trabalho serão comparados três modelos de pressuposições macro-hermenêuticas sob as quais os teólogos adventistas Desmond Ford, Fritz Guy e Roy Graf trabalham, de maneira explícita ou implícita. Neste estudo específico serão observadas as pressuposições sobre a realidade (o objeto a ser estudado) e as pressuposições sobre o sujeito que desenvolve teorias científicas (razão).<sup>9</sup>

### **Desmond Ford e o modelo progressivo**

Desmond Ford foi um teólogo adventista australiano que ganhou destaque de maneira especial devido a suas críticas à crença do juízo investigativo no meio adventista e se destaca como um dos principais proeminentes do movimento adventista evangélico. Ford, em seus escritos, implicitamente adota uma visão dualística da realidade, na qual Deus habita na região atemporal/imaterial e a criação está situada na realidade temporal/material. Em sua teologia, Ford parece assumir que o reino atemporal é a referência para entender o temporal. Ou seja, a realidade última está além dos limites

---

<sup>8</sup> Roy E. Graf é doutor em teologia sistemática pelo Adventist International Institute of Advanced Studies (AIAS), Filipinas. Atualmente, atua como professor de teologia sistemática da Universidad Adventista del Plata (UAP). Além de ter contribuído com sua tese doutoral, que serviu como base para essa presente pesquisa, o Dr. Graf revisou o conteúdo deste material, fazendo sugestões e colaborando na produção da versão final desta pesquisa.

<sup>9</sup> Fernando Canale (2014, p. 53) afirma que as metodologias científicas e teológicas possuem pressuposições sobre a realidade e sobre a razão, sendo estas determinantes sobre o resultado dos estudos.



do tempo e espaço, sendo esta a norma para compreender a realidade material e temporal onde habita a humanidade. Uma maneira de aplicar esse princípio é através da utilização, ainda que implícita nos escritos de Ford, da *via negativa* na hermenêutica bíblica, contrastando os elementos mutáveis com o polo oposto para se chegar à verdade eterna e atemporal.<sup>10</sup>

De acordo com Ford, então, Deus é atemporal e imaterial, em contraste com os seres humanos, temporais e materiais. Dessa maneira, Deus está além e antes do tempo e do espaço (FORD, 2014, p. 22, 28). Ele explica que o tempo, para Deus, não é o mesmo que o tempo para a humanidade. Nesse sentido, Ford se utiliza do argumento de que a Bíblia distingue os termos gregos *kairos* (realidade atemporal de Deus) e *cronos* (tempo sequencial humano) (FORD, 2014, p. 130). Seguindo a dicotomia proposta, questões espirituais não estão relacionadas com eventos históricos, conforme o modelo clássico.

Consequentemente, Ford faz uma separação entre o conhecimento espiritual/teológico e o conhecimento científico/histórico. A Bíblia é um livro espiritual (contêm verdades eternas) e não necessariamente científico ou histórico (contêm verdade históricas) (FORD, 2014, p. 14). Nesse panorama, em que ciência se refere e estuda o mundo contingencial e o conhecimento bíblico se alcança pela fé, não há necessidade de harmonizar a ciência com uma leitura literal das Escrituras, pois ambos se referem a diferentes tipos de conhecimento (FORD, 2014, p. 109). Dado o significado espiritual das Escrituras, ele pensa, o intérprete não precisa "ser incomodado por qualquer aparente falta de conformidade com nossas visões modernas da história e da ciência" (FORD, 2014, p. 89). A Bíblia diz *quem* criou, proporcionando o elemento espiritual. A ciência, por sua vez, diz *como* essa criação ocorreu no mundo material e histórico (FORD, 2014, p. 184).

A separação entre o conhecimento espiritual e científico permite Ford interpretar os textos bíblicos que contradizem a ciência como não literais, uma vez que a Bíblia não foi escrita com fins históricos.<sup>11</sup> Portanto, ele interpreta a criação histórica de seis dias em sentido parabólico ou metafórico, mas não literal (FORD, 2014, p. 112, 160-161). De maneira mais ampla, em relação a Gênesis 1-3, Ford declara que Deus não usou cordas vocais ou executou qualquer atividade física como está descrito naqueles capítulos. Ou

---

<sup>10</sup> Ver Graf (2020, p. 149-150).

<sup>11</sup> Ver Graf (2020, p. 149).



seja, apesar de o texto bíblico afirmar que Deus estava presente com a criação agindo historicamente, a pressuposição ontológica dualística leva Ford a negar que esses textos são literais, pois a realidade divina não se relaciona com tempo e espaço. Na teologia de Ford, Deus também não tem parte física. Representações parciais de Deus na Bíblia são expressões de uma linguagem antropomórfica (FORD, 2014, p. 144, 294, 387).

Quando a Bíblia fala sobre os atos de Deus, Ford propõe que a linguagem bíblica utilizada nesses textos é uma linguagem analógica. Comentando sobre Êxodo 20:8-11, por exemplo, sugere que os seis dias da criação e o descanso de Deus no sábado são linguagem analógica e não literal. Como toda a linguagem sobre Deus é analógica, a história da criação, uma vez que ela se relaciona com o Deus criador, também é pura analogia (FORD, 2014, p. 386). Ford chega ainda a escrever que a afirmação de que Deus cria em seis dias literais é apenas uma “conversa de bebê”, mas não uma descrição válida do que Deus realmente fez no reino atemporal (FORD, 2014, p. 294). Ele interpreta literalmente somente os textos que não entram em conflito com sua concepção sobre a natureza de Deus.

Com base nos métodos científicos, então, ele defende que a Terra e o universo têm 4,5 bilhões e 13,6 bilhões de anos, respectivamente (FORD, 2014, p. 114, 120, 122, 139). A fim de explicar o processo evolutivo e os eventos que envolvem a morte nesse processo antes da criação do homem, ele explica que a “morte” existia antes mesmo da queda, pois era necessária a fim de evitar a multiplicação excessiva das formas de vida (FORD, 2014, p. 124, 133, 136). Isso deve explicar o problema acerca do sofrimento e da morte antes da chegada do *Homo sapiens*, afirma Ford (2014, p. 130). Ele propõe que a solução para o dilema da falta de espécies transitórias entre as espécies é a teoria do criacionismo progressivo. Assim, ele rejeita o darwinismo como explicação mais satisfatória para a origem da vida e afirma que Deus é o Criador dos novos tipos de espécies que de repente aparecem nos diferentes estágios do processo evolutivo (FORD, 2014, p. 297). Em suas palavras: “Sabemos que este mundo tem 4,5 bilhões de anos. Sabemos que Deus primeiro criou criaturas unicelulares e então progressivamente trouxe à cena formas de vida mais complexas e finalmente o homem” (FORD, 2014, p. 307). Segundo Ford, então, o criacionismo progressivo resolve a tensão entre ciência e Bíblia.

Dentro dessa cosmovisão, há uma lacuna temporal entre os capítulos 3 e 4 de Gênesis. Na narrativa de Gênesis 1-3, Adão não é um nome próprio, mas se refere ao *Home*



*sapiens* (FORD, p. 139-140, 286). Isso ocorre, pois o “*Homo sapiens* não possui antecedentes intermediários. Ele apareceu. Apareceu abruptamente como o clímax da obra criativa de Deus” (FORD, 2014, p. 264, 282-283). Os neandertais e cro-magnons seriam, nessa cadeia lógica, descendentes de Adão, que viveram entre os capítulos 3 e 4 da narrativa bíblica (FORD, 2014, p. 281). Nesse ponto, é válido ressaltar que Ford diferencia a sua convicção no criacionismo progressista da evolução teísta, ao afirmar que Adão surgiu abruptamente (FORD, 2014, p. 305).

A respeito dos escritos de Ford, conclui-se que, embora reivindique o princípio *sola Scriptura*, na prática, o modelo do criacionismo progressista reintroduz na teologia adventista o dualismo ontológico e epistemológico da teologia clássica, o que implica na aplicação da via negativa na interpretação de Deus e suas ações. Para Ford, Deus é atemporal e sem qualquer aparência física, sendo que, logicamente, a Bíblia usa linguagem antropomórfica para falar sobre Deus. Seguindo o pensamento clássico, há também um dualismo entre o conhecimento espiritual e científico, sendo que Ford não aceita uma interpretação literal do relato do Gênesis. É possível perceber, desse modo, como a ontologia e a epistemologia de Ford moldam a sua visão quanto à relação entre fé e ciência e, conseqüentemente, sua interpretação do relato da criação.

### **Fritz Guy e o modelo moderno**

Fritz Guy foi professor de teologia na La Sierra University (EUA) e representa os teólogos adventistas que defendem a teoria da evolução como fato e argumentam que a narrativa da criação precisa ser adaptada a esse suposto fato. Enquanto alguns consideram a teologia de Ford evangélica, o modelo moderno envolve o que é geralmente considerado a teologia adventista liberal ou progressista (GRAF, 2020, p. 182).

Nessa vertente, da qual Friz Guy é um dos principais expoentes, não é aceita a noção de que a realidade é atemporal e imutável (GUY, 1971, p. 404). Na teoria, esse modelo possui uma ontologia temporal do processo, na qual a realidade está em constante mudança, e o conhecimento, como atividade temporal, está em constante mudança. Ou seja, em contraste com a teologia clássica e Ford, Guy pensa que a visão moderna do tempo precisa derivar da filosofia do processo e reconhecer que o tempo é um aspecto ontológico dos seres e não uma entidade da qual é possível estar fora ou dentro. Como a realidade é





temporal, o que é real existe temporalmente (GUY, 1971, p. 405, 437, 438). O conhecimento teológico, portanto, não é espiritual no sentido atemporal e estático do termo, mas também está em um processo de se tornar e de transição, sempre se desenvolvendo (GUY, 1999, p. 65).

Deus é “onitemporal”, pois coexiste em cada ser temporal. Ou seja, a ontologia divina é histórica, pois Deus está, de certo modo, presente em cada ser histórico. Deus é a fonte permanente de criatividade, a base de estabilidade da criação (GUY, 2001, p. 26). Essa visão se aproxima do teísmo aberto, sendo que Guy aponta para Rice como sendo o autor adventista que melhor conceitualizou a ideia do teísmo aberto nas fileiras adventistas (GUY, 2001, p. 25.) No entanto, apesar da visão histórica do ser, Deus ainda possui um polo atemporal, apesar de sua temporalidade como base de cada ser vivo. É possível denominar essa visão de Deus como dipolar; ao mesmo tempo atemporal e temporal, mesclando a teologia clássica com a filosofia contemporânea.

Guy trabalha com o conceito de esvaziamento de Deus, a partir do qual Deus não se esvazia somente no contexto da encarnação e da cruz, mas também em relação à vida humana e com todo o cosmos, estando presente em toda a realidade. Deus não é somente o grande *Designer* e sustentador do mundo, mas está constantemente participando da obra criada, afirma Guy (2003, p. 12). Em outras palavras, a realidade última está na realidade criada, comprometendo-se com seu florescimento e realização (GUY, 1999, p. 145).

Apesar da proximidade com a visão moderna de Deus, Guy define que há uma diferença ontológica entre a realidade humana e Deus em-si, entre a finitude e o infinito. Por esse motivo, a língua humana não pode se aplicar diretamente a Deus. Até mesmo a narrativa da criação, uma vez que se refere a Deus, é uma construção humana para explicar essa realidade (GUY, 1999, p. 187). Assim, ainda que ele afirme uma ontologia não dualística, faz uma separação entre o conhecimento teológico/religioso e o científico, o que reintroduz ultimamente uma ontologia dualista semelhante à de Ford. Uma diferença entre os modelos é que as expressões simbólicas que surgem da experiência religiosas que podem ser expressas de diferentes maneiras revelam, em certo nível, verdades espirituais e experienciais da história de cada grupo social. As narrativas e



doutrinas bíblicas são consideradas, nesse modelo, como construções sociais em processo em vez de somente adaptações humanas para revelar verdades espirituais.<sup>12</sup>

Nesse sentido, ainda que exista uma correspondência entre afirmações teológicas e os objetos aos quais ele se refere como o ser de Deus, essa correspondência não é literal (GUY, 1999, p. 249). Ele ainda segue com a compreensão de que a ciência estuda os fenômenos físicos, em contraste com a teologia, que está relacionada com a experiência de Deus e o encontro com Ele (GUY, 2009, p. 54). As histórias bíblicas da criação e do dilúvio, por exemplo, apesar de se referirem a eventos temporais, comunicam a respeito de eventos supra históricos e verdades eternas, sobrenaturais (BULL; GUY, 2009, p. 66). Questões religiosas, portanto, estão relacionadas ao *significado* dos eventos factuais (criação, dilúvio), mas não à causa desses eventos (GUY, 1999, p. 139-141).

As Escrituras, então, não disputam com os fatos das ciências humanas e naturais. Na verdade, proveem um significado último para as realidades divinas, humanas e cosmológicas. Para Guy (1999, p. 146-147), o que realmente importa nas Escrituras é o sentido teológico espiritual dos eventos a respeito dos quais ela narra e não a literariedade factual desses. É necessário, portanto, ler a Bíblia como um livro condicionado culturalmente que surge como fruto da experiência de seu tempo. A narrativa da criação, por exemplo, era um simbolismo comum nas culturas antigas e, por isso, o escritor de Gênesis se utilizou dessa narrativa. Em outro momento da história ou em outro contexto cultural, outras narrativas poderiam ter sido utilizadas para se referir às mesmas verdades supra históricas. O Gênesis, então, contém uma antiga cosmologia utilizada para transmitir uma mensagem teológica (GUY, 2003, p. 11-12)

Percebe-se que, segundo Guy, a revelação de Deus envolve ciência e cultura. Ambos têm um valor virtualmente revelador que os transforma em fontes de teologia, por serem maneiras de expressar a verdade eterna presente em tudo. Como resultado dessa compreensão das diversas fontes da teologia (Bíblia, filosofia, cultura, ciência) no contexto da teologia adventista moderna é que a teologia não é o estudo sistemático das Escrituras e da realidade por ela revelada. Em vez disso, a teologia é o estudo da Bíblia como entendida e interpretada pela comunidade da fé (RICE, 1991, p. 89). Por essa razão, Guy prefere o termo *prima Scriptura* em vez de *sola Scriptura*, pois as Escrituras vêm antes

---

<sup>12</sup> Richard Rice (1991, p. 29) define fé como “um ato voluntário de completa confiança em Deus, a qual afirma, entre outras coisas, sua existência e amor em respostas às evidências que são úteis, mas não são conclusivas”.



de outros textos, mas não é a única fonte de filosofia e teologia, pois a cultura do teólogo possui seu devido lugar no fazer teológico (GRAF, 2020, p. 188).

Ele também pensa que é possível interpretar a criação como uma dependência ontológica do mundo em Deus, em vez de um de um início temporal na história (GUY, 1999, p. 174). Isso se deve a sua teoria da presença divina no cosmos. Guy considera, portanto, a criação e o processo evolutivo como atividades temporais, em consonância com a compreensão cultural contemporânea da realidade como temporal. Essa compreensão temporal da criação, no entanto, não parte necessariamente do texto bíblico, pois, segundo Guy, Deus criou o mundo através do processo evolutivo.

Deus cria o mundo e lhe confere liberdade para ser e desenvolver-se. Dentro de alguns limites, a substância material tem algum tipo de livre escolha que permite que a matéria “crie” ou mude sua própria realidade. Assim, não somente Deus, mas também o mundo participa do processo de criação. Nesse processo, Deus não pode ser coercitivo, pois, fazendo isso, anularia a liberdade do mundo. Essa criação defendida por Guy necessariamente leva um período longo. Em consonância com Ford, a morte biológica também já existiria antes da criação do homem em seu estágio atual.

Seguindo o modelo teológico e filosófico moderno, então, Guy concorda que existem outras fontes de teologia, como a cultura científica e a experiência. Esse modelo rejeita o *sola Scriptura*, pois a tarefa da teologia é interpretar a fé da comunidade religiosa à luz de sua tradição. As doutrinas (como a criação) são uma manifestação simbólica da experiência da comunidade religiosa. Deus, nesse contexto, é dipolar (atemporal e temporal), como na teologia do processo. O futuro, nesse processo, está aberto para Deus, sendo que, através de seu polo temporal Ele experimenta o mundo e a história humana (GRAF, 2020, p. 317). A compreensão ontológica sobre o ser de Deus claramente influencia a interpretação da Bíblia de Guy, sendo impossível separar sua ontologia divina de sua exegese bíblica.

### **Roy Graf e o modelo histórico**

Roy Graf é um teólogo adventista e professor de teologia sistemática na Universidade Adventista do Peru, Lima. Ele representa um grupo de teólogos adventistas que, nas últimas décadas, têm desafiado os modelos clássicos, evangélicos e



contemporâneos de ontologia e epistemologia. Graf entende que Deus é temporal, sendo que o tempo é uma característica intrínseca do ser e não algo relacionado somente ao domínio da criação. Se “as Escrituras descrevem Deus como temporal, não há razão para que tal afirmação não corresponda com a realidade de Deus” (GRAF, 2020, p. 257). Através da análise de histórias bíblicas, ele percebe que há uma interação entre a iniciativa de Deus e a resposta humana, indicando que ambos interagem no fluxo temporal da história (GRAF, 2020, p. 272). O fato de que a criação envolve Céu e Terra, anjos e humanos, e que existe uma interação espaço-temporal entre ambos aponta para o fato de que não há a dicotomia entre atemporalidade e temporalidade. As atividades de Deus no Céu estão sincronizadas com as atividades humanas na Terra, indicando um fluxo histórico sincrônico para ambos (GRAF, 2020, p. 267).

Ainda quanto ao dualismo platônico, o autor percebe que, apesar de os anjos serem descritos como criaturas espirituais (Hb 1:7, 14), esse fato não está em contradição com sua existência espaço-temporal e sua interação física com os seres humanos (Gn 19:1-22; Hb 13:2). O que é espiritual, então, não está em contraposição ao que é físico ou material. A matéria não é algo negativo como na filosofia grega ou na teologia clássica. A criação material é boa (GRAF, 2020, p. 267). Ele também afirma que a noção de tempo aplicada não somente aos anjos, mas especificamente a Deus, precisa ser compreendida de maneira análoga, ou seja, dado que Deus não experiencia o tempo da mesma maneira que os seres humanos finitos, devido a sua eternidade passada e futura e sua onisciência, por exemplo. A diferença entre Criador e criatura, então, não deveria ser discutida a partir do contraste entre atemporalidade ou temporalidade, mas quanto à natureza, extensão e experiência da temporalidade (GRAF, 2020, p. 256).

A concepção de que as Escrituras apresentam um Deus temporal, porém, não é a mesma sustentada por Fritz Guy. Segundo Graf (2020, p. 319), as Escrituras, desde a narrativa inicial do Gênesis, afirmam que o mundo é uma realidade espaço-temporal ontologicamente diferente de Deus e não essencial ao seu ser (GRAF, 2020, p. 319). Nesse sentido, Deus não está presente ontologicamente na criação, pois é um ser pessoal e separado fisicamente do mundo criado, apesar de não estar fora do fluxo temporal. Ele não necessita de um polo temporal terrestre para experienciar o tempo. Além disso, ao afirmar que Deus é temporal, Graf não está dizendo que Ele experimenta o tempo da mesma maneira que suas criaturas, pois as semelhanças destas com Deus possuem



limites. Deus experimenta o tempo de uma forma, afirma Graf, que está além das possibilidades de suas criaturas, uma vez que sua experiência temporal não tem início e nem terá fim (Sl 90:2). Assim, um longo período para os seres humanos e as criaturas em geral é comparativamente curto do ponto de vista divino, não por estar fora de tempo, mas devido à sua experiência eterna do tempo (Sl 90:4, 2Pe 3:8) (GRAF, 2020, p. 256).

Como Deus, apesar de não ser igual à criação, também não é completamente diferente dela, a Bíblia não o descreve somente através de analogias (GRAF, 2020, p. 257). Segundo o autor, ainda que a Bíblia possa se utilizar de analogias para se referir a Deus, a *via negativa* não deve ser usada para interpretar as narrativas bíblicas, uma vez que Ele não está física e temporalmente separado da criação. Se a criação e o Criador compartilham do mesmo fluxo histórico de passado, presente e futuro, formas físicas e linguagem temporal utilizadas em relação a Deus nas Escrituras não precisam necessariamente ser uma acomodação para linguagem humana, mas sim uma descrição ontológica a respeito de Deus.<sup>13</sup> A Bíblia, segundo Graf (2020, p. 257), não usa somente linguagem antropomórfica. Na realidade, ela descreve que os humanos são semelhantes a Deus, que é o referencial para a compreensão da humanidade. Em outras palavras, os seres humanos são teomórficos e as narrativas das Escrituras que descrevem o ser de Deus e suas ações não necessitam ser metafóricas (GRAF, 2020, p. 257).

Ainda quanto à relação de Deus com a criação (cosmos), Graf enfatiza que as Escrituras se concentram no que foi revelado a respeito de Deus ou na auto-adaptação à criação, sem retratar qualquer sobreposição ontológica entre ambos como os modelos panenteísticos propõem (GRAF, 2020, p. 261). Sem o mundo como algo diferente de Deus, não há necessidade de articulação. Por isso, do ponto de vista bíblico, o mundo é a criação de Deus (Gl 1: 1; Ne 9:6), mas não é eterno ou está em um processo eterno como na teologia de processo, pois não possui nenhuma energia divina ou criadora em si. Criação (Gn 1-2) e preservação (Sl 147:9; Mt 6:26; Hb 1:3), então, são diferentes ações divinas em relação ao mundo externo a si mesmo (GRAF, 2020, p. 262).

---

<sup>13</sup> Embora de fato haja uma acomodação de Deus no sentido de que Ele se revela na linguagem que os seres humanos podem entender, tal linguagem analógica se referindo a Deus é uma linguagem de semelhança, que assume temporalidade divina, não sua atemporalidade. Ou seja, a acomodação é feita para facilitar a compreensão sobre quem Deus é, mas não para contrastar a linguagem humana e concreta com uma suposta existência etérea e indescritível de Deus.



A criação bíblica, portanto, é uma criação *ex nihilo*, mas não no sentido tomístico dessa expressão, que se refere à criação como uma atividade atemporal e instantânea de Deus. A criação é *ex nihilo* no sentido de que a atividade criativa de Deus depende de seu próprio poder, conforme afirmam as escrituras e que ela ocorreu historicamente, segundo o relato de Gênesis (GRAF, 2020, p. 262). Esse, poder ao criar e preservar, entretanto, não mescla o ser de Deus com a criação. Ambos são diferentes, embora realidades físicas e temporais (GRAF, 2020, p. 263).

Quanto à natureza humana, Graf entende, assim como Ford e Guy, que o ser humano possui uma natureza integral, sem dicotomia entre as faculdades físicas e espirituais, por exemplo. Entretanto, ele afirma que Adão e os demais seres humanos são históricos e físicos conforme a imagem divina, algo não explicitamente abordado pelos outros escritores. Dentre os diversos aspectos que se relacionam com a *imago Dei*, Graf (2020, p. 268), analisando o texto hebraico de Gênesis 1, ressalta que “a imagem de Deus, na qual homem e mulher foram criados, inclui uma semelhança física” (GRAF, 2020, p. 268). Não havendo tal dicotomia entre espírito e físico ou, no contexto desta pesquisa, entre conhecimento teológico e científico, não há motivos para interpretar o relato de Genesis 11 como um mito teológico.

Gênesis 1-11, portanto, sugere que o autor pretendia prover uma narrativa histórica da criação recente, e isso não implica em uma afirmação meramente teológica ou uma representação literária não literal da criação. Uma interpretação teológica ou não literal do relato de Gênesis envolve pressuposições não bíblicas acerca do ser de Deus e sua interação com a criação. O modelo adventista do criacionismo progressista (Desmond Ford) e do teísmo moderno evolucionista (Fritz Guy), possuem, respectivamente, pressupostos alinhados com a ontologia e epistemologia do teísmo clássico e a da teologia moderna, mas não correspondem à ontologia e à epistemologia encontradas na própria Bíblia (GRAF, 2020, p. 264).

### **Comparação dos modelos**

A partir da análise e comparação dos três modelos propostos por teólogos adventistas, é possível perceber que a diferença básica entre criação e evolução não é meramente racional, mas consiste nas pressuposições macro-hermenêuticas encontradas



em cada modelo. O modelo evangélico (Desmond Ford), como visto, embora reivindique fidelidade à Bíblia, ao defender o modelo do criacionismo progressista carrega pressupostos do dualismo ontológico e epistemológico da teologia clássica, o que implica numa separação entre o tempo de Deus e o tempo da criação e uma distinção entre conhecimento espiritual e científico. Ao trabalhar com texto bíblicos e reivindicar uma teologia bíblica, esse modelo, entretanto, implicitamente adota um sistema alheio às Escrituras com pressupostos extrabíblicos.

O modelo moderno (Fritz Guy), por sua vez, aceita abertamente que existem outras fontes de teologia além da Bíblia, como a cultura científica e a experiência. As histórias da Bíblia não são meramente uma acomodação da linguagem divina para a os seres humanos, mas também uma manifestação simbólica da experiência da comunidade religiosa. Assim como na teologia de Ford, é possível perceber uma ontologia dipolar (atemporal e temporal), refletindo aspectos da teologia do processo, que ganhou força durante o século 20. Ainda que Deus experimente o mundo e a história humana, segundo essa teologia, Ele possui um polo atemporal. Assim, ao adotar pressupostos ontológicos da cultura de seu tempo, percebe-se que Guy aplica em sua teologia a crença de que existem outras fontes de teologia além da Bíblia. Assim como a compreensão que Ford tem da narrativa da criação é guiada pelos pressupostos clássicos, a leitura que Guy faz do texto é igualmente influenciada pelas lentes da teologia do processo, comum de seu tempo. Ao comparar ambos os modelos, é possível concluir que

Essa compreensão de Deus derivada da ontologia grega cria um abismo entre Deus, que existe no nível atemporal da realidade, e o nível da natureza e da história. Contudo, esse abismo não existe no pensamento bíblico, em que Deus interage diretamente dentro do fluxo histórico e espaço-temporal de sua criação (CANALE, 2014, p. 88).

O modelo histórico (Roy Graf), buscando romper com este abismo, propõe construir uma teologia bíblica desassociada da tradição teológica e filosófica, rompendo com os paradigmas teológicos clássico e moderno e buscando extrair do texto bíblico os pressupostos necessários para compreender a relação entre religião e ciência. Em suas pesquisas, Graf conclui que o mundo é uma realidade espaço-temporal e que Deus é uma realidade que experimenta o tempo e espaço, mesmo que de maneira diferente de suas



criaturas. Segundo ele, não há evidência plausível nas Escrituras para a dicotomia entre matéria e espírito.

Segundo Canale (2014, p. 88), a discussão entre teologia e ciência deve se dar justamente nesse nível sistemático, e não meramente na análise de textos e teorias, como feito em outros modelos. É nesse sentido que o trabalho de Graf caminha, buscando encontrar a definição que a Bíblia oferece acerca das questões elementares da realidade e do processo cognitivo humano, sem assumir, de maneira explícita ou implícita, pressupostos de seu tempo, cultura ou tradição religiosa. Seguindo a proposta de Graf de desconstruir os modelos tradicionais e modernos e buscar uma ontologia, epistemologia e, conseqüentemente, uma cosmogonia bíblica, percebe-se que

Os teólogos dispostos a abandonar o consenso tradicional [...] descobrirão que é possível uma interpretação “teológica” diferente de Gênesis 1. Essa mudança metodológica formará uma interpretação “teológica” que, em vez de levar a uma separação entre Deus e o domínio da natureza, conduzirá a integração de ambos (CANALE, 2014, p. 82).

A contribuição de Graf, nesse sentido, merece destaque, pois conclui que todo o sistema da teologia bíblica trabalha dentro da mesma compreensão histórica da realidade, indicando uma interação simultânea e histórica entre o Criador e as criaturas, sendo possível concluir que a relação direta entre ciência e teologia está mais próxima da evidência bíblica do que uma separação entre elas, como propõe Ford e Guy.

Ao adotar uma ou outra teoria, então, observa-se que é impossível separá-las de suas compreensões abrangentes acerca do tempo e matéria e sua relação com a ontologia específica de Deus, ser humano e mundo. Em outras palavras, é possível afirmar que os três modelos abordados são metanarrativos, sendo que o trabalho feito por Graf é o que mais explicitamente reconhece esse fato e a influência de fontes extrabíblicas na interpretação das Escrituras. Como afirma Canale (p. 2014, p. 65, 110), “cada alternativa gera visões conflitantes de toda a realidade da experiência humana”, pois “criação e evolução são metanarrativas em conflito”. Ele ainda afirma que a “harmonização da criação bíblica com a teoria da evolução requer não apenas a aceitação de um relato diferente da história, mas também de uma compreensão diferente do papel causal que Deus teve na história da evolução”, o que se pode observar nas teorias citadas neste artigo.





Para fazer tal harmonização, em maior ou menor nível, Ford e Guy precisaram aceitar um relato de Deus diferente do oferecido pelas Escrituras.

Demonstrou-se, conseqüentemente, que para explorar a narrativa da criação é necessário estar não apenas em fidelidade aos textos bíblicos, mas “examinar o que é presumido logicamente no assunto, evento ou realidade que a doutrina explica”, ou seja, entender que o texto contém pressupostos ontológicos e epistemológicos (CANALE, 2014, p. 70). Seguindo o pensamento proposto por Graf, Canale (2014, p. 116) afirma que “estudos sistemáticos da Bíblia são a condição necessária para avaliar a compatibilidade que possa existir entre a teologia cristã e os ensinamentos científicos”. Os teólogos cristãos e, especificamente nesta pesquisa, os adventistas podem falhar ao buscar construir uma teologia bíblica que negligencie a importância do sistema revelado pelas Escrituras.

A adoção de teorias evolutivas estranhas às Escrituras quanto a longas eras de criação/evolução traz consigo diferentes pressupostos, ou crenças fundamentais, quanto ao ser de Deus, alterando todo o sistema teológico e a interpretação de outros textos das escrituras. Mudanças nessa área, então, podem ser mudanças em todas as demais doutrinas, e, por isso, o modelo histórico proposto por Graf fornece o elemento teológico que faltava em demais propostas: a teologia sistemática e sua relação com a doutrina da criação. Dulles (1992, p. 146-147), afirma que “a providência e a história da salvação assumem um significado completamente novo quando vistas contra o pano de fundo dos bilhões de anos de existência cósmica postulados pela ciência contemporânea”. Canale (2014, p. 103) afirma ainda que “se o relato sobre a semana da criação não revela como as coisas realmente aconteceram, então não há muitas razões para crer no que ele diz sobre a salvação ou sobre a escatologia” (CANALE, 2014, p. 103). Ainda segundo ele,

O adventismo não pode modificar a história da criação sem remover o fundamento sobre o qual está construído. Sem esse fundamento a doutrina do santuário e a interpretação histórica das profecias se tornam meros exercícios literários que não nos ajudam a compreender a natureza ou as obras salvíficas de Deus. [...] Os cristãos precisam reafirmar o fato de que compreensão teológica de Gênesis 1, descrevendo o período de seis dias consecutivos de 24 horas e literais históricos durante os quais Deus criou a vida em nosso planeta, é essencial ao pensamento teológico das Escrituras e, portanto, ao sistema harmônico da verdade (CANALE, 2014, p. 103, 116).



## Considerações finais

Este artigo, diante do conflito entre fé e ciência, se propôs a comparar os pensamentos de três teólogos adventistas a partir da pesquisa feita na tese doutoral de Roy Graf. Os teólogos analisados trabalham sobre diferentes bases e conseqüentemente, chegam a diferentes conclusões. A interpretação bíblica/evangélica de Desmond Ford segue o dualismo clássico, enquanto a teologia de Friz Guy se aproxima mais da teologia moderna e o modelo proposto de Roy Graf se propõe a ser fiel ao texto bíblico e seus pressupostos. Enquanto Ford e Guy separam o conhecimento teológico/espiritual do conhecimento científico/histórico, Graf busca integrar os conhecimentos espirituais e históricos dentro de uma plataforma bíblica e histórica, sem harmonizar as diferentes propostas, mas indicando que suas diferentes conclusões se devem a diferentes princípios hermenêuticos. O trabalho de Graf, nesse sentido, é pioneiro e fundamental no sentido de questionar os fundamentos filosóficos e hermenêuticos da discussão entre fé e ciência, indicando a necessidade de uma análise sistemática/hermenêutica dos modelos citados que considere os aspectos históricos e temporais da teologia bíblica que rompem com o tradicional conflito entre religião e ciência.

Diante da comparação feita entre os três modelos e o atual cenário no adventismo, percebe-se que é necessária não somente a adoção de uma determinada teoria a respeito das origens, mas a construção de uma ontologia e epistemologia bíblicas que correspondem ao relato das Escrituras e oferecem um sistema harmonioso que integre os pressupostos relacionados ao tempo e espaço de maneira bíblica. Uma vez, também, que a adesão de determinada teoria fornece uma base ontológica que afeta a interpretação de toda a escritura, muito cuidado deve ser tomado ao aceitar determinada proposta com a ingenuidade de que seja hermenêuticamente neutra.

Como a aceitação de um modelo altera todo o sistema teológico e doutrinário, o futuro do adventismo, portanto, depende de se manter fiel aos pilares desse movimento afirmados por Ellen G. White (1946, p. 31) e às pressuposições hermenêuticas que eles oferecem para a interpretação da Bíblia. O adventismo está construído em cima de um sólido sistema bíblico e histórico que pode ser mais bem abordado em futuros trabalhos e estudado com mais profundidade, em vez de substituído por novas propostas hermenêuticas e científicas. Além disso, conclui-se que, afastando-se da falsa dicotomia



entre religião e ciência que o dualismo platônico e o modelo moderno ainda carregam consigo, o adventismo propõe uma visão bíblica de Deus e do ser humano como revelada por meio da narrativa da criação encontrada no livro de Gênesis. Essa ontologia bíblica, portanto, além de descobertas doutrinárias, é uma das principais contribuições do adventismo no meio teológico e tem muito a contribuir na discussão da relação entre religião e ciência. Também serão úteis futuras pesquisas que considerem a proposta bíblica do sistema teológico histórico que integra o conhecimento teológico ao científico dentro de uma mesma realidade histórica.

## Referências

AGOSTINHO. **Confessions**, XII, 25. *In*: RAMM, B. **The Christian view of Science and Scripture**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1955. p. 107.

BULL, B.; GUY, F. **Then a miracle occurs**. *in*: BULL, B.; GUY, F.; TAYLOR, E. **Understanding Genesis: contemporary Adventist perspective**. Riverside, CA: Adventist Today, 2009.

CANALE, F. **Basic elements of Christian theology: Scripture replacing tradition**. Berrien Springs, MI: Andrews University Lithothec, 2005.

CANALE, F. **Criação, evolução e teologia: uma introdução aos métodos científicos e teológicos**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2014.

CANALE, F. **Toward a criticism of theological reason : time and timelessness as primordial presuppositions**. Tese (Doutorado em Teologia) – Berrien Springs, MI: Andrews University, 1983. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/22>. Acesso em 21 nov. 2022.

DULLES, A. **The craft of theology: from symbol to system**. Nova York: Crossroad, 1992.

FORD, D. **Genesis versus Darwinism: The case for God in a scientific world**. S/l: A&S Publications, 2014.

GRAF, R. E. **The principle of articulation in Adventist theology: an evaluation of current interpretations and a proposal**. Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 2020.

GUY, F. Change, Scripture, and science: good news for Adventist thinking in the twenty-first century. **Spectrum**, v. 37, n. 3, p. 50-55, 2009.

GUY, F. God's time: infinite temporality and the ultimate reality of becoming. **Spectrum**, v. 29, n. 1, p. 19-28, 2001.

GUY, F. Interpreting Genesis one in the twenty-first century. **Spectrum**, v. 31, n. 2, p. 5-16, 2003.

GUY, F. **Man and his time: three contemporary theological interpretations**, tese (Doutorado em Teologia) – Divinity School University. Chicago, IL: 1971.



GUY, F. **Thinking theologically?** Adventist Christianity and the interpretation of faith. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1999.

KANT, I. **Critique of pure reason.** Londres: J. M. Dent and Sons, 1939.

KITTS, D. The conditions for a nomothetic paleontology. In: **History and evolution.** Albany: State University of New York Press, 1992.

RICE, R. **Reason and the contours of faith.** Riverside, CA: La Sierra University Press, 1991.

TIMM, A. R. **El santuario y los mensajes de los tres ángeles.** Florida: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2019.

WHITE, E. G. **Counsels to writers and editors.** Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1946.